

A FILOLOGIA E SEU OBJETO DIFERENTES PERSPECTIVAS DE ESTUDO

Rosa Borges Santos Carvalho (UFBA e UNEB)

RESUMO

Almeja-se, neste trabalho, mostrar o desdobramento da Filologia em outras disciplinas com objetos e métodos específicos, ao tempo em que se determina ser o texto editado o suporte para estudos de diversos especialistas. A Filologia enquanto Crítica Textual se ocupa do texto na sua existência material e histórica e na sua função de testemunho documental e literário. O texto que se pretende reconstituir e conservar, conforme as características que apresenta, define o comportamento do editor que desenvolve teorias e metodologias apropriadas ao objeto em questão, de acordo com a Crítica Textual Tradicional, a Crítica Textual Moderna e a Crítica Textual Genética. Adverte-se para o fato de que esse texto crítico, disponibilizado pelo filólogo, poderá ser matéria de investigação, segura e fidedigna, de diferentes disciplinas científicas, pois é ele portador de elementos históricos, sociais, estilísticos, literários, lingüísticos que podem intervir na sua composição. A Filologia enquanto Lingüística Histórica estuda a mudança lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia – Lingüística histórica – Crítica Textual

Como já afirmara Erich Auerbach (1972: 11),

A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas,

tais como: a *Edição Crítica de Textos*³, que busca reconstituir o texto representativo do ânimo autoral, a *Lingüística*, que trata das línguas em geral e de sua comparação ou de um grupo de línguas aparentadas, ou de uma língua específica, os *Estudos Literários* que se ocupavam da Bibliografia, da Biografia, da Crítica Estética e da História da Literatura, e o *Comentário ou Explicação de Textos*, que podia servir aos mais diversos propósitos, segundo os textos selecionados e às diferentes observações que neles se pudessem fazer. Dentre estas atividades filológicas, a que melhor lhe guarda a memória é a pri-

³ Referimo-nos aqui a mais antiga das atividades filológicas, a Edição Crítica de Textos, que teve, inicialmente, o nome de *Crítica Verbal* (HAVET, 1911), depois *Ecdótica* (QUENTIN, 1926) e *Textkritik* (MAAS, 1927), *Crítica Textual* (fr. *Critique Textuelle*, ingl. *Textual Criticism*), forma mais generalizada entre os filólogos modernos.

meira, a Edição Crítica de Textos, considerada pelos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica das formas de fazer Filologia.

A Filologia, portanto, englobava todas as áreas do conhecimento relacionadas com o "amor pela palavra", e, com o passar do tempo, desmembrou-se em disciplinas com objetos e métodos autônomos. Assim, desde fins do século XIX, Lingüística e Literatura se separaram. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, observamos uma convergência entre língua e literatura que tem oferecido resultados frutíferos, sem esquecer de mencionar a contribuição das outras áreas como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, entre outras, renovando os pilares mais profundos desta prática filológica. Desse modo, chegamos aos nossos dias, com três subdisciplinas, aparentemente separadas, mas que, na verdade, dialogam entre si, conforme os interesses dos pesquisadores: Lingüística, Literatura e "Filologia". Logo, o que poderíamos chamar de focos de interesse contemporâneos são fruto tanto de uma trajetória interna das próprias disciplinas e de disciplinas contíguas como da evolução cultural ocidental.

Modernamente, a Filologia se divide em dois ramos: 1. da *Lingüística* – que faz o estudo científico das línguas do ponto de vista sincrônico (em uma dada época, em seu estado atual) – Lingüística Descritiva – e/ou diacrônico (através dos tempos) – Lingüística Histórica. Mais especificamente, o que melhor delimita este campo é o estudo comparativo e histórico das línguas; 2. da *Filologia Textual / Crítica Textual* – que se ocupa do processo de transmissão dos textos, com a finalidade de restituir e fixar sua forma genuína. Embora historicamente a Crítica Textual tenha privilegiado o estudo dos textos literários, atualmente considera tanto os textos literários como os não-literários.

Vimos então que essa Filologia não difere, em sua essência, daquela que se fazia anteriormente, ou seja, enquanto disciplina do saber, continua estudando a língua e a literatura. No plano lingüístico, considera os vários aspectos da história das línguas, sua evolução, as influências que receberam, a fragmentação dialetal, todos os fenômenos relacionados com a fonologia, morfologia, sintaxe e o léxico. No que tange à literatura, trata dos autores e obras literárias; revisa a história da literatura através dos movimentos culturais e estéticos, tendências e estilos mais relevantes; analisa temas, gêneros e

formas literárias comuns a diversas línguas e culturas; discute como as diferentes correntes de pensamento têm influenciado na estética, na arte e na comunicação ao longo do tempo. Enfim, as "Filologias" trabalham sobre as línguas, sobre os textos e sobre as culturas, a partir de motivações diferentes. Cabe, portanto, ao filólogo posicionar-se criticamente em relação aos objetos lingüísticos, estético-literários e culturais.

Nesse momento, nossa abordagem amplia-se pelo terreno da Filologia Textual / Crítica Textual que se caracteriza por sustentar uma investigação de natureza interdisciplinar, ou seja, tanto a Filologia, enquanto crítica de textos, fornece matéria-prima – textos fidedignos, portadores de conteúdos historiográficos, literários, doutrinários, lingüísticos – para diversos especialistas, lingüistas, literatos, historiadores, por exemplo, quanto outras disciplinas oferecem subsídios para o trabalho do filólogo. Teremos então de reconhecer à Crítica Textual um estatuto determinante, na medida em que condiciona os objetos de outras disciplinas e influi, conseqüentemente, na qualidade e no alcance dos respectivos produtos, nas edições que apresenta. Por mais rígidos que sejam os pesquisadores, se não forem precavidos quanto aos cuidados críticos relacionados à *constitutio textus*, se não tiverem por base um texto crítico, poderão ter questionadas as suas conclusões.

A Crítica Textual tem por objeto de estudo o texto, tanto na sua existência material e histórica como na função de testemunho documental e literário. Sua tarefa consiste em resgatar os fios de transmissão dos textos, fazendo-se a inventariação e estudo dos afastamentos da tradição face ao original, se ausente, através da crítica da tradição, se presente, busca-se a lição mais próxima daquela que teve em sua origem, valorizando os materiais autênticos ou os seus vestígios, e os conhecimentos de que dispõe o filólogo no momento histórico em que trabalha. Devemos ficar atentos, porém, para a época em que esses textos foram produzidos, se antes ou depois do advento da imprensa, pois antes, dispúnhamos de cópias de cópias, e qualquer intento de restaurar o texto seria resultante de um processo difícil e complexo, através do método conjectural; depois, os textos interessam como realidades dinâmicas nas quais se mesclam, de muitas formas, diversas perspectivas de estudo, daí procurarmos estudar os materiais e as técnicas de escrita, as condições históricas e sociais

que interferem em sua produção.

Feitas estas observações, e levando-se em conta que o texto que se pretende reconstituir e conservar define, conforme as características que apresenta, o comportamento do editor que desenvolve teorias e metodologias apropriadas ao objeto em questão, apresentamos três modalidades da Crítica Textual:

- (1) a *Crítica Textual Tradicional*⁴: aplicada a textos com original ausente, propõe-se à restituição de um texto que se aproxime o mais possível do original (MAAS, 1927: 1), eliminando os erros introduzidos na tradição (totalidade dos testemunhos, manuscritos ou impressos, conservados ou desaparecidos, em que um texto se materializou ao longo da sua transmissão (APL, 1990, *apud* DUARTE, 1997: 88)), preparando-o para a publicação (*constitutio textus*).
- (2) a *Crítica Textual Moderna*: aplicada a textos com original disponível, com o objetivo de editá-lo, estabelecendo um texto que represente aproximadamente as intenções originais (ou finais) do autor (McGANN, 1983: 15 *apud* DUARTE, 1997: 88). Considera que as relações entre o poeta, a obra e seu público (leitor) têm definido princípios críticos adequados à publicação das obras modernas. Esta nova postura que vem sendo adotada, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, apresenta elementos que identificam a antiga Filologia com a emergente Crítica Genética, que agora vem sendo amalgamadas. Tem-se comumente apresentado sob a rubrica de “Edição Crítico-genética”: edição crítica, quanto à obra publicada (fase editorial) e genética, por examinar os testemunhos de redação.
- (3) a *Crítica Textual Genética*: estuda a história do nascimento e do tornar-se escrita de uma obra, desde as suas marcas escritas primitivas até a sua última forma atestada (GRÈSILLON, 1994: 244). Aplicada a complexos de manuscritos autógrafos (notas, esboços, versões transitórias, cópias a limpo e texto definitivo), com o objetivo de estudar e determinar o processo de gênese do

⁴ Devemos esclarecer os dois sentidos para o termo "tradicional" para evitarmos equívocos: 1. trata-se de uma crítica feita exclusivamente com base em tradições textuais cujos testemunhos se foram afastando do original; 2. Maneira como tradicionalmente e no último século se fez Crítica Textual.

texto neles contido, dando especial atenção aos aspectos materiais que a documentam (marcas de manipulação autógrafa). (DUARTE, 1997: 73).

Do exercício destas modalidades de Crítica Textual, teremos como resultado edições diferentes, ou seja, poderemos apresentar, conforme os materiais disponíveis para estudo:

- a) uma edição crítica – devemos reproduzir o autógrafa, quando existente, ou o texto criticamente definido como mais próximo do original (*constitutio textus*), depois de submetido às operações de *recensio*, *collatio*, estemática, definição do texto de base, elaboração de critérios de transcrição e de correção (*emendatio*). Todas as intervenções do editor devem ser registradas no aparato crítico;
- b) uma edição diplomática ou paleográfica – reprodução tipográfica rigorosa da lição de um testemunho, conservando todas as suas características (erros, lacunas, ortografia, fronteiras de palavra, abreviaturas, etc.);
- c) uma edição fac-similada – reprodução obtida por meios mecânicos (litografia, fotografia, fototipia, etc) de um texto manuscrito, impresso ou esculpido, cujo testemunho se revela muito importante, do ponto de vista estético e filológico, e é de difícil acesso (APL, 1920 *apud* DUARTE, 1997: 76);
- d) uma edição interpretativa – edição crítica de um texto de testemunho único (o editor transcreve o texto, corrige os erros por conjectura registra no aparato todas as suas intervenções; para além da transcrição e da correção de erros, o editor atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de carácter geral).
- e) uma edição crítico-genética – aquela que combina os objetivos e os métodos da edição crítica e da edição genética: por um lado, edita o texto e anota todas as intervenções do editor bem como prepara um aparato de variantes da tradição para os textos já publicados; por outro lado, faz a recensão de todos os manuscritos relacionados com o texto, classifica-os, organiza-os e descreve-os, e registra em aparato genético as sucessivas alterações autorais, lugar a lugar e testemunho a testemunho; enquanto crítica, procura fixar o texto mais autorizado; enquanto genética, docu-

menta o percurso seguido pelo autor na construção do texto, fornecendo ao leitor o registro total e ordenado dos estados evolutivos por que passou o texto, com as correções, as alternativas e as hesitações do autor, permitindo ao leitor a possibilidade de reconstituir, por si próprios, os estados pertinentes;

- f) uma edição genética – edição que apresenta, sob a forma impressa e na ordem cronológica do processo de escrita, o conjunto dos documentos genéticos conservados de uma obra ou de um projeto. (GRÉSILLON, 1994 *apud* DUARTE, 1997: 77).

Diante do exposto, asseveramos que quaisquer que sejam as soluções encontradas, os textos críticos fixados, as edições apresentadas, serão sempre possibilidades de leitura, de interpretação que trazemos ao conhecimento do público, fundamentadas no trabalho que realizamos. Toda a análise se desenvolve a partir da singularidade do material, é o objeto que dita o comportamento a ser adotado pelo pesquisador: se antigo ou moderno, de testemunho único ou múltiplo, inédito ou édito. No entanto, é imprescindível esclarecer que sempre poderão surgir novos materiais, novos métodos que conduzirão o editor a outros caminhos.

Nesse momento, avançando para as palavras finais, faço uma defesa da Filologia, dessa Filologia que sofre as conseqüências de abarcar múltiplos aspectos de seu objeto e que, por isso mesmo, apresenta diferentes perspectivas de estudo. A Filologia é plural, ela trata de língua, literatura e cultura através de textos, por este motivo, é lamentável a atitude daqueles que ignoram a importância da Filologia nas suas duas modalidades – Lingüística Histórica e Crítica Textual – nos Cursos de Letras, esquecendo-se, sobretudo, de que o texto crítico disponibilizado pelo filólogo poderá ser matéria de investigação, segura, fidedigna e confiável para realizar seus estudos, pois, como vimos, nos últimos tempos, a idéia de texto tem sido desenvolvida em disciplinas como a Pragmática, a Análise do Discurso, a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Semiótica ou a própria Lingüística do Texto, além do mais, a Literatura se tem beneficiado também da investigação, ao tempo em que enriquece seus estudos de elementos retóricos, estilísticos ou estéticos. Todas essas disciplinas, incluindo a Filologia que procura editar o texto para nele trabalhar as mudanças lingüísticas, têm tomado o texto como um sistema de raízes que pode ser escavado nele próprio, ou seja, constrói-se teoria a

partir da análise de seus componentes, daí afloram as diversas abordagens conforme os modelos teóricos e métodos adotados.

BIBLIOGRAFIA

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Ensaio de lingüística, filologia e ecdótica*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Língua e Literatura / UERJ, 1998.

DUARTE, Luiz Fagundes. *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos, 1993.

DUARTE, Luiz Fagundes. *Notas de aula*. Salvador, UFBA / PPGLL, 16-19 de out. 1999. Curso: “Os papéis da escrita literária”.

DUARTE, Luiz Fagundes. *Crítica textual*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1997. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses, disciplina Crítica Textual. Consulte-se, principalmente, o *Glossário* (66-90).

GRÉSILLON, Almuth. *Eléments de critique génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: PUF, 1994.

GUERRA, Antonio Guzmán; CALLER, Paloma Tejada. *¿Cómo estudiar filología?*. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

MAAS, Paul. *Crítica del texto*. Trad. de Nello Martinelli. Firenze: Felice le Monnier, 1984.